



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



FALAR CACERENSE: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA ENTRE ATITUDES E PRECONCEITO

Erisvania Gomes da Silva¹

Veronica Silva Albuquerque²

Prof^a Vália Faria Cardoso-Carvalho³

Prof. Dercir Pedro de Oliveira (UFMS/convidado)

RESUMO

Neste trabalho, nos propomos compreender como ocorre o processo das atitudes sociolinguísticas e preconceito linguístico sobre a forma de falar do sujeito Cacerense a partir dos discursos dos sujeitos moradores da cidade de Mirassol D'Oeste. O *corpus* de análise é composto por 10 entrevistas com moradores de Mirassol D'Oeste, com idades entre 15 e 63 anos, colhidas a partir da apresentação de áudio da entrevista com duas cacerenses que apresentam a variedade linguística em sua fala. Estes informantes são dos sexos masculino e feminino e de diferentes classes sociais. O falar cacerense tem cultura e história que o afetam possibilitando assim o surgimento de variantes linguísticas. Durante as análises das entrevistas, estas características variantes se apresentaram como a principal característica para a projeção de um imaginário do sujeito cacerense nos dizeres dos sujeitos moradores da cidade de Mirassol D'Oeste/MT, sendo também o desencadeador de diversas ideologias implícitas, dando visibilidade ao preconceito linguístico e discriminação do sujeito cacerense. Sendo assim, tocamos o modo como os sujeitos de espaços urbanos, circunscritos numa mesma região, significam a relação com o sujeito cacerense, sua língua e cultura. A base teórica que norteará esse trabalho é a sociolinguística qualitativa.

PALAVRAS-CHAVE: Atitudes Sociolinguísticas, Preconceito Linguístico, Falar Cacerense.

ABSTRACT

In this paper, we propose to understand how the process occurs sociolinguistic attitudes and prejudice language on how to talk the subject Cacerense from the subjects' discourse City residents Mirassol D'Oeste. The corpus of analysis consists of 10 interviews with residents Mirassol D'Oeste, aged 15 and 63, taken from

¹ Mestranda em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT e bolsista Capes.

² Mestranda em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT e bolsista Capes.

³ Professora e orientadora da disciplina de Introdução a Sociolinguística.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



the audio presentation of the interview with two cacerenses presenting the linguistic variety in your speech. These informants are male and female and of different social classes. The talk has Cacerense culture and history that affect thus enabling the emergence of linguistic variants. During the analysis of the interviews, these features variants is presented as the main feature for the projection of an imaginary subject Cacerense in the words of the subject city residents Mirassol D'Oeste / MT, also being the trigger of various ideologies implied, giving visibility linguistic prejudice and discrimination Cacerense subject. So we played the way the subject of urban spaces, circumscribed within the same region mean the relationship with the subject Cacerense, their language and culture. The theoretical base that will guide this work is the qualitative sociolinguistics.

KEYWORDS: Attitudes sociolinguistic, Prejudice Language, Talking Cacerense.

Introdução

Sociedade e linguagem estão intrinsicamente ligadas, assim pode-se dizer que essa relação é constitutiva do ser humano e da sociedade. Historicamente, a humanidade tem se organizado em comunidades e sociedades detentoras de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua. Nesse sentido, podemos afirmar que Língua e sociedade são duas realidades que se constituem e se inter-relacionam de modo que se torna impossível conceber a existência de uma sem a outra.

Referente a esse enlace entre língua e sociedade, Tarallo (2007, p.5) diz que tudo o que não pode ser processado pela mente humana leva ao desconforto, e são através das situações de estranhamentos na língua que buscamos compreender o processo de atitudes sociolinguísticas e preconceito linguístico, a partir dos discursos dos sujeitos moradores da cidade de Mirassol D'Oeste, sobre a forma de falar do sujeito cacerense.

Nessa perspectiva, o objetivo desse trabalho é o de compreender como se dá as atitudes sociolinguísticas e o preconceito linguístico do falar cacerense pelo olhar do sujeito mirassolense, para isso, temos como *corpus* de análise 10 entrevistas com moradores de Mirassol D'Oeste, com idades entre 15 e 63 anos, colhidas a partir da apresentação de áudio da entrevista com duas cacerenses que apresentam a variedade linguística em sua fala. Os informantes são dos sexos masculino e feminino, de diferentes classes sociais. O aporte teórico utilizado nesse trabalho é o da sociolinguística qualitativa.

Vale ressaltar que a teoria a que nos filiamos nesse trabalho concebe uma relação entre língua e sociedade, mostrando assim, que a linguagem tem um funcionamento dinâmico e possui um sistema que

articula o comportamento linguístico e social. Dessa maneira, as diferenças formas no uso das variantes linguísticas correspondem às diversidades dos grupos sociais. Nessa perspectiva, a sociolinguística rompe com uma velha tendência, “de tratar as línguas como sendo completamente uniformes, homogêneas ou monolíticas em sua estrutura.” (BRIGHT, 1974, p. 18)

1 O Falar Cacerense e Seu Contexto Variável

Antes de iniciarmos a análise do *corpus* propriamente, se faz necessário que retratemos quais são as características singulares do falar da região de Cáceres/ Mato Grosso.

A constituição histórica das cidades abordadas também tornou possível o processo de determinação das diferenças existentes entre ambas. É por essa razão que se faz necessário apresentar um breve retrospecto sobre os aspectos da constituição dessas cidades, sejam geográficos ou históricos, a fim de se compreender como se instaurou os dizeres vigentes.

A respeito da constituição do Estado de Mato Grosso, Bisinoto (2007, p 15) diz que “devido aos programas federais e a exuberância das intenções desenvolvimentistas do governo nas décadas de 1960 e 1970, Mato Grosso recebeu uma onda migratória”, o foco principal no processo de migração era o de colonizar as terras não exploradas. Vale ressaltar, que todo esse movimento imigratório foi fomentado pelo ideário governamental de que Mato Grosso era um território produtivo, porém sem população considerável para seu desenvolvimento, e foi através desse discurso de produtividade e de terras a perder de vista que trouxe à região migrante de todas as partes do país.

Ferreira (1997) diz que a cidade de Cáceres foi fundada em 6 de outubro de 1778, e teve seu contingente populacional composto inicialmente por negros, índios (Chiquitos, da fronteira com a Bolívia, Boróros e os índios pantaneiros), portugueses e espanhóis. Porém apesar do crescimento da região de Cáceres, sua população se tornou, até as investidas governamentais de “descoberta” dos anos de 1960, uma massa quase uniforme, linguística e culturalmente.

A prática linguística também chama a atenção no processo de constituição de Cáceres. A língua falada era o Português, entretanto, esse era falado com variação de traços bastante característicos.

1. a aparente indiferença quanto aos marcadores de gênero, tanto no uso de artigos como no de morfemas flexionais: “casa do mamãe”, “roupa bonito”;
2. A troca de ditongos por vogais nasais e reciprocamente: “amanhão”; “mação”; “coraçõn”; “caminhõn”;
3. A realização da fricativas [ʃ] e [ʒ] como fricativas palatais [tʃ] e [dʒ]: “tchuva”; “cotxipó”; “djanela”; “adjuda”;
4. A saliência fônica no timbre da vogal nasalizada, que se abre: “banána”; “mamáe”;
5. Na sintaxe é possível observar alterações na ordem dos constituintes da frase em relação ao uso comum: “Está demais de nervoso”, “Teimoso que tá esse guri”. Ou a supressão de preposições, artigos e verbos: “Cuidado a dengue!” (= Cuidado com a dengue!); “Cara de Pelé!” (= Ele é a cara de Pelé!).

(BISINOTO, 2007, p.20)

Ferreira (1996) argumenta ainda que é a partir de 1950, que ocorrem as mudanças mais rápidas. É a partir dos anos 60, com a chegada maciça das novas levas migratórias que o perfil de Cáceres torna-se outro, diversificado, pois instaura-se novos falares, tradições e culturas vindas de outras terras, povoando não só Cáceres como seus arredores.

Um dos novos polos sociais que se institui nas proximidades da região de Cáceres é a cidade de Mirassol D’Oeste. O município de Mirassol D’Oeste foi oficialmente fundado em 14 de maio, de 1976, e povoado principalmente por paulistas das cidades de Fernandópolis, Jales, Mirassol, Santa Fé do Sul, São José do Rio Preto, Votuporanga, entre outras. Ferreira (idem) descreve o percurso de formação da cidade de Mirassol da seguinte forma:

A colonização da região teve por base a cidade polo de Cáceres, dando-se por força dos projetos de colonização, implementados pelos governos estadual e federal. Eram tempos de incentivos fiscais à colonização centro-o estima [...].

Com a ação pioneira muitos paulistas vindos das cidades de Mirassol, São José do Rio Preto, Jales, Tanabi, Fernandópolis, Votuporanga, Santa Fé do Sul e outras, daquela região riquíssima do Estado de São Paulo [...]

Antônio Lopes Molon foi o idealizador e o fundador do núcleo de povoação que deu origem ao município de Mirassol D’Oeste, que recebeu este nome em homenagem à cidade paulista homônima, onde residia sua família. (FERREIRA, 1996, p. 441).

Segundo Bisinoto (2007), a relação entre os indivíduos, nativos e migrantes, de ambos os municípios, não ocorreu no primeiro momento como uma relação amigável. Essa relação inicial de aparente embate se deu por meio dos discursos governamentais que incentivavam a migração para essa região, o imaginário criado por meio do discurso do Estado era o de que o povo que aqui vivia não tinha capacidade de fazer



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



dessa terra um lugar produtivo, ou ainda, que essa região era despovoada, como se a terra fosse de “ninguém”.

Com essa prática discursiva costumes e tradições entraram em confronto com as condições e estilo de vida da população que aqui já vivia. Destacamos que ao contrário da cidade de Cáceres, Mirassol D'Oeste não teve habitantes nativos, sendo sua população composta por migrantes de cultura paulista, e esses são seus fundadores, sendo assim, a variação linguística encontrada em Mirassol D'Oeste não lembra a observada na cidade de Cáceres.

Nesse sentido, a variedade linguística cacerense apresenta-se como o principal elemento para o reconhecimento e projeção do sujeito cacerense nos discursos dos sujeitos moradores da cidade de Mirassol D'Oeste. Há uma memória linguística constitutiva dos sujeitos e dos dizeres que contribuem para os discursos preconceituosos se propagarem e acabe por assujeitar o falante cacerense, fazendo-o suprimir os traços característicos de sua fala. Os dizeres propiciam que haja estereotipagens que nos levam a pensar sobre as políticas linguísticas no Brasil, uma vez que se trata de cidades geograficamente próximas, porém distantes linguística e culturalmente. Isto posto, nos leva também a pensar em que medida o imaginário de língua nacional, esta pensada como uma língua única e usada nos moldes da norma culta, está sustentando os preconceitos sobre esta variedade.

2 **Atitudes Sociolinguísticas e Preconceito Linguístico**

Como dito anteriormente, o presente artigo tem por objetivo analisar e compreender como é constituído o processo de atitudes sociolinguísticas e preconceito linguístico a partir dos discursos dos sujeitos moradores da cidade de Mirassol D'Oeste, sobre a forma de falar do sujeito cacerense. Busca-se observar quais memórias discursivas permeiam os dizeres desses sujeitos e quais imagens estão enraizadas sobre o sujeito cacerense. Após essa retomada do nosso objetivo, passemos agora a análise.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



De acordo com Bisinoto (2007), as avaliações e julgamentos que o sujeito faz sobre a sua própria fala e a fala do outro constituem atitudes linguísticas. Oppenheim (apud Bisinoto, 2007, p. 23), numa perspectiva da Psicologia Social, apresenta a seguinte concepção para atitudes linguísticas:

(...) a atitude é vista aqui como um processo dotado de certas etapas, e não simplesmente como um resultado. Ou seja, a percepção do objeto e a demonstração ativa de um indivíduo, a partir dele e com relação a ele, são precedidas e reforçadas por outros procedimentos: o enquadramento do objeto no sistema de crenças e valores do indivíduo e sua eventual reação emotiva a ele. A tendência para um certo tipo de ação torna-se assim o produto, o resultado final desse confronto.

Lambert (apud Moreno Fernández, 1998, p. 182), afirma ainda que a atitude sociolinguística é constituída por três componentes colocados no mesmo nível: o saber ou crença (componente cognoscitivo); a valoração (componente afetivo); e a conduta (componente conativo), “o que significa dizer que a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística”.

Pensando nas atitudes sociolinguísticas enquanto fato que afeta o falar cacerense, pode-se compreender que os motivos para a supressão da variedade no falar desse sujeito cacerense ocorre primeiramente pela a marginalização do falar, pois o falar cacerense é classificado como prática de periferia, dos incultos, dos ribeirinhos, como diz Bisinoto (2007). A migração de moradores de outras regiões do país, a difusão de outros falares tratados como “superiores” ou “mais corretos”, a influência da mídia e a supervalorização da gramática contribuíram para essa marginalização do falar local, através do imaginário deturpado de que os falares do centro-sul são mais corretos que os demais.

Nessa perspectiva, a língua falada pela população foi um dos pontos da cultura cacerense inferiorizados na época da colonização do território da cidade de Cáceres. Não podemos esquecer que há ainda os dizeres por parte de migrantes e dos descendentes dos migrantes de Mirassol D’Oeste, que com seus dizeres trazem a tona um imaginário estereotipado de sujeito cacerense, tendo a variedade como instigador do fenômeno, que nos remete ao imaginário preconceituoso gerado na expansão da região.

Como pudemos observar ao deslocarmos as práticas linguísticas em uma perspectiva de atitude sociolinguística de imediato nos deparamos com o preconceito linguístico, “preconceito e discriminação são mecanismos poderosos de desqualificação do outro- aquele que pensamos ser portador de uma doença social” (ALKMIM, 2002, p. 42).

Compreendemos que a discriminação linguística não se diferencia em nada como a discriminação religiosa, social, política ou étnica, entre outras, pois há um atravessamento por meio do ato de preconceito que constituem os sujeitos e a imagem que fazemos deles. A reafirmação da inferioridade linguística, como se uma língua fosse melhor que a outra, faz com que os falantes da própria língua se juntem ao coro e se reconhecem enquanto pertencentes a uma classe de língua inferior, afirmando assim, a superioridade de uma língua sobre a outra.

Dando continuidade a nossa reflexão, passemos agora a análise do *corpus*.

3 O Falar Cacerense e o Olhar Mirassolense

Nosso corpus de análise é constituído por 10 entrevistas com moradores de Mirassol D'Oeste, de idades entre 15 e 63 anos, colhidas a partir da apresentação de áudio da entrevista com duas cacerenses que apresentam a variedade linguística em sua fala. São informantes dos sexos masculino e feminino, de diferentes classes sociais.

Iniciando a análise observemos o que diz o primeiro informante. O entrevistado em questão, com seu discurso revela que há supressão da variedade por parte dos cacerenses residentes em Mirassol D'Oeste a um curto período de tempo. Nos dizeres a seguir observamos como a posição-sujeito morador de Mirassol D'Oeste, refere-se à variedade cacerense: “- (...) os daqui não falam assim, só um pouco... puxado... né?”

Percebe-se que em “puxado... né?” a visibilidade que se instaura é a de que há uma diferença entre as variedades linguísticas faladas em Mirassol e Cáceres, e o informante faz questão de ressaltar essa variedade em questão. Nesse sentido, é interessante compreender sobre qual imaginário de língua esses dizeres se constitui. Pois o que nos parece é que há uma única língua e correta a ser praticada, e essa é aquela normatizada e ensinada na gramática.

Ao ser indagado sobre se há a supressão da variedade cacerense, o informante afirma: “- Muito. Ela não fala igual essa moça aqui (referindo-se à informante da gravação), ela começa a falar e logo um faz uma gracinha, aí ela fala normal”. Para o entrevistado, o sujeito, morador de Cáceres que se mudou há pouco tempo para Mirassol D'Oeste, se policia e mascara sua fala, através do uso de variações em sua fala de acordo com a variedade de Mirassol D'Oeste, reprimindo o uso das características gramaticais e fonológicas



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



do falar cacerense. Sendo assim, o que se constata no dizer do entrevistado é que são as “gracinhas” que produzem a supressão da variação cacerense. A “gracinha” surge como uma crítica velada em forma de piada e essa pode ser interpretada como uma advertência, que se revela através de uma brincadeira que causará efeitos de ridicularização e preconceito. Além disso, há um pré-construído de que a fala deve ser praticada de maneira “correta”, surge aí o processo de homogeneização linguística. O normal aqui se refere ao falar do falante de Mirassol D’Oeste, o que assemelharia, equipararia ambos os falantes em um mesmo nível idealizado.

Os informantes por meio dos seus discursos apontam para alguns fatores nos quais os sujeitos moradores de Mirassol D’Oeste se pautam para justificarem o tratamento de inferiorização praticada contra a variedade cacerense. O fator utilizado como um dos principais para justificar tal tratamento estigmatizador se configura sobre a gramática como regulamentadora da fala. Para os entrevistados, a variedade é gramaticalmente errada, pois não segue as normas gramaticas é o que diz outra entrevistada, “Ah, tá, é mesmo! Eu acho que eles falam errado, porque num é igual eles aprende na escola. Eles fala do “jeitim”, deles, mesmo seno errado”.

Ao ser questionada sobre a forma que a mesma vê a fala de Mirassol D’Oeste em relação à fala do cacerense, a entrevistada afirma ainda: “Ah fí, depende... eu num sei se é certo ou não, mas eu acho que é mais certo que o jeito deles, é menos errado. Eles são meio xucro pra falar”.

O imaginário de certo/errado, de acordo com Possenti (1996), são reflexos do ensino da língua com base na gramática, ao falante cabe saber e se adequar aos seguintes pré-estabelecidos sobre o uso da língua culta:

Há dois sentidos em que se pode falar de regras: um deles traz consigo a ideia de obrigação, aproximando-se da noção de lei em sentido jurídico: a regra é algo a que se obedece, sob pena de alguma sanção. É nesse sentido que se fala das regras de etiqueta e do “bom comportamento”. Quem a transgredir é apontado como grosseiro, marginal ou caipira. (POSSENTI, 1996, p. 73)

Nesse sentido, irrompe o imaginário de variedade linguística como uma prática que leva a “transgressão”, isto é um fator encontrado com frequência nas entrevistas, pois os dizeres dos entrevistados marcam que a variedade cacerense é um erro gramatical projetado na fala. Sendo assim, nos deparamos com a variedade cacerense enquanto meio de inferiorização e preconceito do sujeito e da língua cacerense. O bem falar seguindo a norma gramatical a qual se refere Possenti (1996), se dá ainda pela legitimação

principalmente pelas políticas públicas de ensino da língua da Escola. Ainda na análise do dizer do informante anterior uma palavra nos chama a atenção e essa é xucro. Xucro é abordado no Dicionário Aurélio (2000, p.722), como:

Xucro, adj. (bras.) Diz-se do animal bravo, ainda não domesticado; trotão; (p. ext.) diz-se do indivíduo ainda pouco adestrado em algum serviço; designativo de coisa ainda muito imperfeita.

Nessa perspectiva, o sujeito cacerense que usa sua variante é caracterizado como um sujeito pouco adestrado para exercer a fala, trazendo a tona uma memória do falar do colonizador que aqui chegou e conquistou a região, ou a memória da língua culta em sua ótica gramatical. Pensando a depreciação da variação cacerense a partir do imaginário de língua padrão gramaticalmente estabelecida, analisamos também a reiteração do discurso da gramática por parte desse sujeito que representa às formas de expressão produzidas por pessoas cultas ou de prestígio, a variedade e o próprio sujeito cacerense são estigmatizados porque não falam a língua da Escola. Com isso, compreende-se que o sujeito é socialmente constituído como sua fala, ou seja, o imaginário do bom uso da língua se confunde com o de bom comportamento.

Outro fator de estigmatização e preconceito na fala cacerense é a constante comparação com outros falares mais prestigiados, falares esses especificamente do centro-sul do país. Bisinoto, afirma que:

A efervescência social coincidiu com a popularização da televisão que, promovendo o deslocamento virtual do homem, transforma-se em importante regulador de linguagem, pois, junto aos demais meios de comunicação de massa, divulga “os usos locais dos grandes centros, que se tornam repentinamente usos nacionais, num verdadeiro processo de ‘standarização’ da língua”. A televisão veio, dessa forma, legitimar o prestígio das variedades linguísticas do centro-sul do País. (BISINOTO, 2007, p. 63).

As variedades linguísticas de São Paulo e Rio de Janeiro são amplamente encontradas nos programas de TV e rádio, criando na população local o imaginário de variedades padrões. Além disso, os programas humorísticos que terminam por criticar as demais variedades que não sejam as citadas acima, contribuem para a reafirmação de um imaginário já vigente nos mirassolenses, que apresentam a variedade paulista, em sua maioria.

Nas entrevistas observamos que o imaginário do sujeito cacerense é constituído principalmente a partir das características fonológicas da fala, é por meio da fala que a identificação do sujeito que diz seja feito de maneira imediata.

Ainda pautados no imaginário de sujeito cacerense, exploramos o sentido da denominação de “bugre”, ao qual uma informante se refere retomando o sentido de representação do índio. No dicionário Aurélio (2000, p. 111), nos deparamos com a seguinte definição de bugre:

bugre s.2g. (1899 cf. CF¹ supl.) 1 Etnôn pej. Obsl. Denominação dada aos indígenas de diversos grupos no Brasil, por serem considerado pelos europeus, etnôm.br.: Bugre 2 fig.pej. indivíduo rude , primário, incivilizado 3 fig. Indivíduo desconfiado, arredo.

Ao colonizar a região, o colonizador instaura uma denominação aos moradores da terra que tem nesse nome uma carga de significações, e são por meio desses sentidos a deriva que surge o imaginário de sujeito a esse falante. Aqui, nesse trabalho, o termo bugre analisa, nomeia e estereotipa o sujeito falante de Cáceres o que gera o preconceito com este povo nativo.

Cabe ressaltar que os informantes analisam a forma gramatical do falar cacerense, tomados pelo errado ou diferente do falar. Colocando-o claramente inferior ao usado pelos mirassolenses e pelo povo da mídia televisiva. Encontra-se assim o processo de atitudes sociolinguísticas de preconceito das demais variedades em comparação às variedades do colonizador e dos programas de TV, nos quais os falares dominantes são os falares carioca e paulistano. Sendo o centro-sul irrompe como o irradiador histórico de cultura, tendo também vindo dessa região a maior parte dos colonizadores do Estado – principalmente São Paulo -, somos remetidos ao falar do colonizador, que ainda hoje é tomada como padrão em Mirassol D’Oeste.

O imaginário estereotipado e preconceituoso do sujeito cacerense, “o bugre”, referido pela primeira informante “fala mole, lerdo... (...) é fácil reconhecer eles (...) os bugre é preguiçoso, fala devagar, assim mesmo”. Observa-se que o sujeito cacerense projetado nesse discurso se volta à memória do cacerense que foi criticado na colonização, por falar. Ao perguntar a informante se ela conhece alguns cacerenses em Mirassol D’Oeste, ela logo responde: “– Eu não conheço muitos cacerenses não, mais meu pai... minha mãe... eles conhecem, diz que são assim! (risos)”. Ao referir-se a eles como “diz que são assim” dá

visibilidade ao pré-constituído, ou seja, que esses são preguiçosos, lerdos (...). O riso da entrevistada marca o preconceito perante o falar diferente do cacerense, é um riso de escárnio que leva ao silenciamento do outro.

O informante número sete dá sequência à prática do riso como meio que leva ao preconceito nos seguintes dizeres- “É... eu acho engraçado a forma deles falarem assim, parece o cuiabano (...) não é a moça, e que eu lembrei do Nico e Lau”. Questionado sobre quais os motivos que o levam a conceituar essa variedade linguística como uma forma de que contribui para o riso, o mesmo argumenta que “não sei... acho que é mais do jeito de falar mesmo, nem é tanto deles”.

Percebe-se que o ato do riso se dá exclusivamente pelo uso da variante linguística cacerense, sendo assim, o que se constata é que o morador de Mirassol D’Oeste cria um imaginário de língua que deve ser usada, e por consequência há um processo de esteriotipozação também do sujeito usuário dessa língua. É por essa razão que a imagem do falante nos dizeres do informante irrompe a partir da imagem dos dois personagens cômicos.

Os aspectos sociais e culturais são outros elementos linguísticos que são descaracterizados pelos informantes. “Pode ser que possa, daí é só ele falar igual ele aprende na escola, porque escola nenhuma ensina assim, se eles quiserem vão falar assim como nós ou como na televisão”. O que se observa nesses argumentos da informante é que o ato de falar a variante cacerense pode ser facilmente mudado, afinal essa forma de falar não é ensinada no Estado, ou seja, o Estado enquanto aparelho ideológico e normatizador pode mudar essa maneira diferente de se falar. O falar cacerense torna-se como uma anomalia e por isso é necessário que haja uma prática efetiva pra alterar essa realidade. Sendo assim, busca-se silenciar uma sociedade e toda sua cultura pelo simples ato de dizer.

Sobre o bem falar na perspectiva da normatização gramatical Di Renzo afirma que

uma língua que se apresenta como legítima porque foi eleita. Por isso, se constitui entre tantos outros fatores pelo modo do “bem dizer”, da “boa fala”, da “boa escrita” consideradas, por essa razão, corretas porque se ancora numa norma, que é jurídica uma vez que esta respaldada pelo Estado. Assim, a Escola, enquanto guardiã da forma da língua do Estado deve “ensinar” aos sujeitos que se significar é, sobretudo, inscrever-se nas observâncias da norma. (DI RENZO, 2005, p.2)



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



A escola se caracteriza como um espaço de legitimação das relações de poder, através da forma escrita, e pela língua nacional. Nessa perspectiva, a escola é a entidade que legitima a formação do sujeito escolarizado e culto, já a língua nacional irrompe como a língua correta a ser escrita e falada.

O preconceito se materializa nos dizeres dos informantes em diferentes formas, algumas mais veladas e outras escancaradas, até mesmo em forma de repulsa. A repulsa é a forma que encontramos em – “Não sei, eu não conheço esse povo não. Eles fala esquisito, eu nem falo com eles não... nem dá pra falar com eles não!”. Neste discurso, vemos em funcionamento a marca da discriminação e preconceito da variedade linguística cacerense de forma clara. Para a informante, a variedade linguística cacerense é um meio que impossibilita a comunicação, o que faz com que a entrevistada rejeite qualquer forma de contato com os sujeitos que praticam essa variante.

Pode-se dizer que os dizeres analisados demonstram que há um imaginário de língua “correta” e “errada” a ser praticada. Essa é regida pela norma gramatical, e quem não se insere nela automaticamente é denominado como diferente, o processo de diferenciação leva ao preconceito, pois o “normal” é termos uma língua única e homogeneia, assim como disseram nossos colonizadores.

Considerações Finais

O presente trabalho teve por objetivo compreender como se dá as atitudes sociolinguísticas e o preconceito linguístico do falar cacerense por meio do olhar do sujeito mirassolense.

A partir de nosso objeto de análise observamos que os dizeres instaurados demonstram que há um processo que busca a padronização linguística. O falante que não fala a variedade padrão é discriminado enquanto falante e enquanto sujeito. No discurso do sujeito morador de Mirassol D'Oeste constatamos claramente que a variedade linguística cacerense é o meio que leva a uma determinada atitude sociolinguística e preconceito, o preconceito encontrado se insere em uma memória que teve sua origem durante o processo de colonização da região.

Através dos dizeres dos sujeitos mirassolenses analisados, compreendemos que os discursos preconceituosos ocorrem por meio da variedade linguística, e é a prática do preconceito através do uso da



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



variedade cacerense, que possibilita que haja o assujeitamento o falante cacerense, fazendo-o suprimir os traços característicos de sua fala.

A variedade linguística cacerense se estereotipa por meio do discurso do mirassolense, tal fato nos faz refletir sobre as políticas linguísticas no Brasil, uma vez que se trata de cidades geograficamente próximas, porém distantes linguística e culturalmente.

Assim, pensamos também em que medida o imaginário de língua nacional está sustentando os preconceitos sobre esta variedade. Esta visão da variante como elemento de opressão nos abriu caminhos através de discursos do sujeito morador de Mirassol D'Oeste. A prática linguística pensada enquanto forma homogênea contribui para esse preconceito vigente. Processos hegemônicos geram imaginário de que uma forma de falar é superior a outra, Labov (1972) foi quem melhor contestou a hipótese da deficiência linguística, comprovando que diferença não é deficiência.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a pesquisa Sociolinguística que procuramos realizar, busca construir e caracterizar a realidade e/ou o futuro linguístico de um povo, ao mesmo tempo em que busca compreender os fatores de variação e mudança linguística, analisando e divulgando as características da Linguagem, da Cultura e da Sociedade pesquisada. Sendo assim, as práticas linguísticas analisadas sobre o falar cacerense sob o olhar mirassolense, nos levam a pensar os estudos Sociolinguísticos como instrumentos que descrevem uma comunidade linguística e sua história.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tania. *Sociolinguística – parte I*. in: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, v. 1, 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- ALKMIN, Tânia Maria. 2002. *Língua e Discriminação*. In: GTNM – *Jornal do Grupo de Tortura Nunca Mais*. Rio de Janeiro, Ano 17, nº. 43. Dezembro de 2002.
- BISINOTO, Leila S. J. *Atitudes sociolinguísticas: efeitos do processo migratório*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007. v. 1. 79 p.
- BISINOTO, Leila Salomão Jacob. *Migrações internas, norma e ensino da língua portuguesa*. Campinas, SP: [s.n.], 2007.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



BRIGHT, William. *As dimensões da Sociolinguística*. Trad. de Elizabeth Neffa Araújo Jorge. In: FONSECA, Maria Stella Vieira da; NEVES, Moema Facure (orgs). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974. p. 17-23.

DI RENZO, Ana Maria. *A Língua Materna e Língua Nacional*. In: II Seminário de Estudos em Análise do Discurso (II SEAD), 2005, Porto Alegre. Caderno de Resumos do II Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Porto Alegre, 2005. Disponível em http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/lingua/Ana_maria.pdf

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. *Aurélio Século XXI: O dicionário da língua portuguesa*/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos [et al.]. 4.ed.rev.ampliada.-Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA, João Carlos Vicente. *Mato Grosso e Seus Municípios*. Cuiabá: Secretaria de Estado da Cultura, 1997.

FERREIRA, Maria C.; INDURSKY, Freda. *Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007.

LABOV, W. 1972b. *Language in the inner city*. Philadelphia. University of Pennsylvania Press.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*/ Fernando Luiz Tarallo. – 8.ed.- São Paulo: Ática, 2007.